

Logo que fechas os olhos, começa a aventura do sono. À penumbra conhecida do quarto, volume obscuro cortado por pormenores, onde a tua memória identifica sem dificuldade os caminhos que percorreste mil vezes, retraçando-os a partir do quadrado opaco da janela, ressuscitando o lavatório a partir de um reflexo, a estante a partir da sombra um pouco mais clara de um livro, definindo a massa mais escura da roupa pendurada, sucede, ao fim de um certo tempo, um espaço a duas dimensões, como um quadro sem limites certos que formaria um ângulo minúsculo com o plano dos teus olhos, como se repousasse, não exactamente na perpendicular, sobre a cana do teu nariz, quadro que, à primeira vista, te pode parecer de um cinzento uniforme, ou antes, neutro, sem cores nem formas, mas que, logo a seguir, sem dúvida, se verifica possuir pelo menos duas propriedades: a primeira é que ele se torna mais ou menos sombrio consoante fechas mais ou menos as pálpebras, como se, mais precisamente, a contracção das tuas sobrancelhas quando fechas os olhos tivesse por efeito modificar a inclinação do plano relativamente ao teu corpo, como se girasse em torno de uma charneira formada pela barra das tuas sobrancelhas, e, por consequência, embora esta consequência não pareça ser demonstrável senão pela evidência, modificar a densidade, ou a qualidade, da escuridão que tu distingues; a segunda é que a superfície deste espaço não é de

todo regular ou, mais precisamente, que a distribuição, a repartição da obscuridade não se faz de uma maneira homogénea, pois a zona superior é manifestamente mais sombria, e a zona inferior, que te parece a mais próxima, embora, evidentemente, as noções de próximo e de distante, de alto e baixo, de à frente e atrás, tenham já deixado de ser completamente definidas, é, por um lado, muito mais cinzenta, ou seja, não muito mais neutra, como te parece de início, mas de facto muito mais branca, e, por outro lado, contém, ou suporta, um, dois ou vários tipos de sacos, de cápsulas, um pouco a ideia que tens de uma glândula lacrimal, por exemplo, de bordos estreitos e ciliados, e no interior dos quais tremeluzem, se agitam, se contorcem clarões muito, mas muito brancos, por vezes bastante estreitos, como riscas extremamente finas, outras vezes muito mais grossos, quase gordos, como vermes. Estes clarões, embora clarões seja um termo completamente desadequado, têm a curiosa virtude de não poderem ser olhados. Uma vez que os fixes com uma atenção um pouco intensa demais, e é quase impossível não o fazer, porque, no fim de contas, eles dançam à tua frente e tudo o resto quase se torna inexistente, na realidade pouco mais há de deveras evidente do que a charneira das tuas sobancelhas e esse espaço muito vago a duas dimensões mais ou menos perceptível onde a escuridão se espalha irregularmente, mas assim que os olhas, embora esta palavra, é claro, já não queira dizer nada, assim que tentas, por exemplo, certificar-te minimamente da sua forma, ou da sua substância, ou de um pormenor, podes estar certo de te deparares, de olhos abertos, com a janela, rectângulo opaco que se torna de novo quadrado, embora aquele saco, ou aqueles sacos, não se lhe assemelhem em nada. Em contrapartida, eles reaparecem,

e com eles o espaço mais ou menos inclinado, articulado nas tuas sobranceiras, algum tempo depois de teres voltado a fechar os olhos, e, provavelmente, não se alteraram entre um momento e o outro. Não podes, porém, ter a certeza absoluta deste último ponto, pois, ao fim de um período de tempo difícil de determinar, e embora nada te permita ainda afirmar que eles tenham desaparecido por completo, podes constatar que empalideceram consideravelmente. Tens agora de lidar com uma espécie de grisalha listrada, que continua a pertencer a esse mesmo espaço que prolonga mais ou menos as sobranceiras, mas, dir-se-ia, deformado a ponto de ser constantemente desviado para a esquerda; podes olhá-lo, explorá-lo, sem perturbar o conjunto, sem provocar um despertar imediato, mas isso não tem interesse nenhum. É para o lado direito que se passa alguma coisa, neste caso uma tábua, mais ou menos atrás, mais ou menos em cima, mais ou menos à direita. É claro que a tábua não se vê. Sabes apenas que é dura, embora não estejas em cima dela, uma vez que, justamente, estás em cima de qualquer coisa muito mole que é o teu próprio corpo. Dá-se então um fenómeno absolutamente espantoso: começa por haver três espaços que nada te permitiria confundir, o teu corpo-cama, que é mole, horizontal, e branco, depois a barra das tuas sobranceiras, que domina um espaço cinzento, medíocre, enviesado, e, por fim, a tábua, que se encontra imóvel e muito dura, por cima, paralela a ti, e possivelmente acessível. Com efeito, é claro, embora nada mais haja que seja claro, que, se trepares para a tábua, estás a dormir, que a tábua é o sono. O princípio da operação é o mais simples possível, ainda que tudo te leve a pensar que irás precisar de muito tempo: terias de encolher a cama, o corpo, até formarem um simples ponto,

um berlinde, ou então, o que vai dar ao mesmo, seria preciso reduzir toda a flacidez do corpo, concentrá-la num único local, por exemplo em qualquer coisa como uma vértebra lombar. Mas, nesse instante, o corpo já não apresenta a bela unidade de há pouco, na realidade ele estende-se em todos os sentidos. Tentas puxar para o centro um dedo do pé, ou o polegar, ou uma coxa, mas nessa altura, a cada vez, há uma regra que estás a esquecer, é que nunca se pode perder de vista a dureza da tábua e que será preciso proceder com astúcia, encolher o corpo sem que ele se aperceba, sem que tu próprio o saibas com toda a certeza, mas é demasiado tarde, a cada vez já é demasiado tarde há muito tempo, e, consequência curiosa, a barra das tuas sobrançelas parte-se em duas e ao centro, entre os teus dois olhos, como se a charneira tivesse suportado todo o conjunto, e toda a força dessa charneira se concentrasse nesse local, e surge de rompante uma dor precisa, indubitavelmente consciente e que reconheces logo como sendo a mais banal das dores de cabeça.

Estás sentado, em tronco nu, vestido apenas com umas calças de pijama, na tua *chambre de bonne*², no divã estreito que te serve de cama, um livro, as *Dezoito Lições sobre a Sociedade Industrial*, de Raymond Aron, pousado sobre os joelhos, aberto na página cento e doze.

Ao princípio, é apenas uma espécie de abatimento, de cansaço, como se te apercebestes de repente de que, há muito tempo, há muitas horas, estás possuído por um mal-estar insidioso, entorpecente, não propriamente doloroso, mas insuportável, a sensação xaroposa e sufocante de estares sem músculos e sem ossos, de seres um saco de gesso no meio de sacos de gesso.

O sol bate nas chapas de zinco do telhado. À tua frente, à altura dos teus olhos, numa estante de madeira branca, está uma malga de Nescafé meio vazia, um pouco suja, um pacote de açúcar quase no fim, um cigarro que se consome num cinzeiro publicitário em opalina falsa esbranquiçada.

Alguém anda para cá e para lá no quarto ao lado, tosse, arrasta os pés, desloca móveis, abre gavetas. A torneira do patamar pinga continuamente. Os ruídos da Rue Saint-Honoré sobem lá de baixo.

² «Quarto de criada», muito comum nas águas-furtadas dos prédios antigos de Paris. (N.T.)

Batem duas horas no campanário de Saint-Roch. Ergues os olhos, paras de ler, mas já não estavas a ler há muito tempo. Pousas o livro aberto ao teu lado, sobre o divã. Estendes a mão, esmagas o cigarro que fumeja no cinzeiro, acabas a malga de Nescafé: ligeiramente morno, demasiado açucarado, um pouco amargo.

Estás banhado em suor. Levantas-te e vais fechar a janela. Abres a torneira do minúsculo lavatório, passas uma luva de banho húmida na testa, na nuca e nos ombros. Com os braços e as pernas encolhidos, deitas-te de lado no divã estreito. Fechas os olhos. Tens a cabeça pesada, as pernas dormentes.

Mais tarde, chega o dia do teu exame e não te levantas. Não é um gesto premeditado, nem sequer é um gesto, aliás, mas uma ausência de gesto, um gesto que não fazes, gestos que evitas fazer. Deitaste-te cedo, tiveste um sono descansado, tinhas dado corda ao despertador, ouviste-o tocar, esperaste que ele tocasse, durante pelo menos alguns minutos, já acordado pelo calor, ou pela luz, ou pelo ruído dos leiteiros, dos homens do lixo, ou pela expectativa.

O despertador toca, não te mexes, ficas na cama, voltas a fechar os olhos. Outros despertadores começam a tocar nos quartos vizinhos. Ouves o barulho de água, de portas que se fecham, de passos que se precipitam para a escada. A Rue Saint-Honoré começa a ser invadida pelo ruído de carros, o chiar de pneus, o engrenar de mudanças, as buzínadelas breves. Portadas batem, comerciantes levantam as grades de ferro das suas lojas.

Não te mexes. Não te irás mexer. Um outro, um sósia, um duplo fantasmático e meticuloso faz, talvez, no teu lugar, um a

um, os gestos que já não fazes: levanta-se, lava-se, barbeia-se, veste-se e sai. Deixa-lo pular para a escada, correr para a rua, apanhar o autocarro em andamento, chegar à hora devida, esbaforido, triunfante, às portas da sala de exame. Diploma de Estudos Superiores em Sociologia Geral. Primeira prova escrita.

Levantas-te demasiado tarde. Na sala, cabeças estudiosas ou entediadas debruçam-se com um ar concentrado sobre as carteiras. Os olhares porventura inquietos dos teus amigos convergem para o lugar que ficou livre. Não irás dizer em quatro, oito, ou doze folhas o que sabes, o que pensas, o que sabes que se deve pensar sobre a alienação, sobre os operários, sobre a modernidade e sobre o lazer, sobre os colarinhos brancos ou sobre a automação, sobre o conhecimento de outros, sobre Marx rival de Tocqueville, sobre Weber inimigo de Lukács. De qualquer modo, não terias escrito nada, pois não sabes grande coisa e não pensas nada. O teu lugar fica vazio. Não concluirás a licenciatura, nunca começarás uma pós-graduação. Não vais prosseguir os teus estudos.

Preparas, como todos os dias, uma malga de Nescafé; juntas-lhe, como todos os dias, umas gotas de leite condensado açucarado. Não te lavas, vestes-te mal e parcamente. Numa bacia de plástico cor-de-rosa, pões de molho três pares de peúgas.

Não vais à saída da sala de exame saber das matérias que foram propostas à perspicácia dos candidatos. Não vais ao café onde o hábito te levaria, como todos os dias, sobretudo neste dia de excepcional gravidade, a encontrar-te com os amigos. Um deles, na manhã seguinte, vai subir os seis andares que conduzem ao teu quarto. Reconhecerás os seus passos na escada. Deixá-lo-ás bater à porta, esperar, voltar a bater, com um pouco mais

de força, procurar por cima da porta a chave que deixavas muitas vezes quando te ausentavas por alguns minutos para ir buscar pão, ou café, ou cigarros, ou o jornal ou o correio, continuar à espera, bater levemente, chamar-te em voz baixa, hesitar e voltar a descer, com passos pesados.

Mais tarde, voltou e meteu um bilhete por baixo da porta. Depois vieram outros, no dia seguinte, dois dias depois, bateram, procuraram a chave, chamaram, deixaram mensagens.

Lês os bilhetes e amachuca-los em bola. Neles, marcam-te encontros aos quais não compareces. Deixas-te ficar deitado sobre o teu divã estreito, mãos atrás da nuca, joelhos para cima. Perscrutas o tecto e descobres as rachas, as lascas, as manchas, as saliências. Não te apetece ver ninguém, não te apetece falar, nem pensar, nem sair, nem mexer.

É num dia como este, um pouco mais tarde, um pouco mais cedo, que descobres sem surpresa que há qualquer coisa que não funciona, que, para o dizer sem rodeios, não sabes viver, que nunca o saberás.

O sol bate nas chapas do telhado. O calor na tua *chambre de bonne* é insuportável. Estás sentado, entalado entre o divã e a estante, com um livro aberto no colo. Há muito tempo que já não lês. Os teus olhos permanecem fixos numa estante de madeira branca, numa bacia de plástico cor-de-rosa na qual estão mergulhadas seis peúgas. O fumo do teu cigarro abandonado no cinzeiro sobe, rectilíneo ou quase, e espalha-se numa nuvem instável sob o tecto marcado por minúsculas gretas.

Qualquer coisa se quebrava, qualquer coisa se quebrou. Já não te sentes — como dizer? — apoiado: começa a faltar-te qualquer coisa que, parecia-te, parece-te, até agora te reconfortou,

te consolou, o sentimento da tua existência, quase da tua importância, a sensação de pertenceres ao mundo, de estares imerso nele.

Mas tu não és daqueles que passam as horas de vigília a perguntar-se se existem, e porquê, de onde vêm, o que são, para onde vão. Nunca te interrogaste a sério sobre o que veio em primeiro lugar, o ovo ou a galinha. As inquietações metafísicas não burilaram particularmente os traços do teu rosto nobre. Mas nada resta dessa trajectória em flecha, desse movimento em frente, onde, desde sempre, foste levado a reconhecer a tua vida, ou seja, o seu sentido, a sua verdade, a sua tensão: um passado rico em experiências fecundas, em lições bem aprendidas, em radiosas recordações de infância, em brilhantes alegrias campestres, em vivificantes ventos do largo, um presente denso, compacto, comprimido como uma mola, um futuro generoso, verdejante, arejado. O teu passado, o teu presente e o teu futuro confundem-se: são simplesmente o peso dos teus membros, a tua enxaqueca insidiosa, o teu abatimento, o amargor do café morno. E, se precisas de um cenário para a tua vida, ele não é a majestosa esplanada (em geral, uma ilusão espectacular de perspectiva) onde retouçam e esvoaçam as crianças, de faces rechonchudas, da humanidade conquistadora, mas, por mais que te esforces, qualquer ilusão que acalentes ainda, é esse corredor no sótão que te serve de quarto, esse desvão de dois metros e noventa de comprimento por um metro e setenta e três de largo, ou seja, com pouco mais de cinco metros quadrados, essa mansarda de onde já não te mexes há várias horas, há vários dias: estás sentado num divã demasiado curto para que, à noite, te consigas esticar completamente, demasiado estreito para que te possas voltar sem cuidado. Olhas

com um olhar agora quase fascinado, uma bacia de plástico cor-de-rosa que contém nada menos que seis peúgas.

Ficas no teu quarto, sem comer, sem ler, quase sem te mexeres. Olhas a bacia, a estante, os joelhos, o teu olhar no espelho estalado, a malga, o interruptor. Ouves os ruídos da rua, a gota de água na torneira do patamar, os ruídos do teu vizinho, o seu pigarreio, as gavetas que abre e fecha, os seus acessos de tosse, o silvo da sua chaleira. Segues, no tecto, a linha sinuosa de uma fissura fina, o itinerário inútil de uma mosca, a progressão quase perceptível das sombras.

Esta é a tua vida. Isto é teu. Podes fazer o inventário exacto da tua magra fortuna, o balanço preciso do teu primeiro quarto de século. Tens vinte e cinco anos e vinte e nove dentes, três camisas e oito peúgas, alguns livros que já não lês, alguns discos que já não ouves. Não tens vontade de recordar mais nada, nem a tua família, nem os teus estudos, nem os teus amores, nem os teus amigos, nem as tuas férias, nem os teus projectos. Viajaste e não trouxeste nada das tuas viagens. Estás sentado e só queres esperar, esperar apenas até que já não haja mais nada a esperar: que a noite chegue, que batam as horas, que os dias passem, que as recordações se desvançam.

Não voltas a ver os teus amigos. Não abres a porta. Não desces para recolher o correio. Não devolves os livros que pediste emprestados à Biblioteca do Instituto Pedagógico. Não escreves aos teus pais.

Só sais ao cair da noite, como as ratazanas, os gatos e os monstros. Conspiras nas ruas, esgueiras-te para cinemas sebentos nos Grands Boulevards. Por vezes, caminhas noites inteiras; por vezes, dormes dias inteiros.